

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.41243>

Resenha recebida em: 15/12/2021  
Resenha aprovada em: 05/06/2022  
Resenha publicada em: 19/09/2022

O QUE O AMOR É - E O QUE NÃO É, DE SIMONE DE BEAUVOIR<sup>1</sup>  
[RESENHA]

WHAT LOVE IS – AND WHAT IS NOT BY SIMONE DE BEUAVOIR  
[REVIEW]

Lucas Joaquim Da Motta<sup>2</sup>  
([lucasjufscar@gmail.com](mailto:lucasjufscar@gmail.com))

273

**Resumo:** Sob um viés jornalístico, Simone de Beauvoir publica *O que o amor é – e o que não é* na revista inglesa *McCall's*, em 1965, com a intenção de trazer a seguinte questão: por que você se apaixona? Considerando esse texto, nossa exposição considera uma fase pouco conhecida de Beauvoir, colocada na linha anterior, que é a de jornalista; é no contexto de uma abordagem que considera a não abstração de uma pessoa apaixonada em relação ao seu objeto de desejo, que Beauvoir mostra que existe, antes mesmo de qualquer revelação sobre as expectativas da pessoa apaixonada, antes de qualquer conhecimento sobre outrem, uma falta, um vazio, uma necessidade no âmago de sua existência. Pois, caso contrário, sem essa carência, o amor não seria buscado; por exemplo, segundo a autora, ninguém se apaixona quando se está completamente feliz ou na véspera de uma longa viagem ou quando se está completamente feliz, mas antes em arredores estranhos e especialmente na desilusão do fim da jornada. Desse modo, não se trata de responder categoricamente do porque alguém se apaixona ou não, mas trata-se de trazer para o terreno da possibilidade em que consiste o próprio estímulo do amor – enquanto motivo (não em sentido metafísico do termo, mas em sentido concreto da complexidade que é amar alguém).

**Palavras-chave:** Amor. Beauvoir. Jornalismo. Outro.

**Abstract:** Under a journalistic bias, Simone de Beauvoir publishes *What love is - and what it is not* in *McCall's* English magazine in 1965, with the intention of bringing the following question: why do you fall in love? In considering this text, our exposition considers a little-known phase of Beauvoir, posited in the previous line, which is that of a journalist; it is in the context of an approach that considers the non-abstraction of a person in love in relation to her object of desire, that Beauvoir shows that there is, even before any revelation about the expectations of the person in love, before any knowledge about another, a lack, an emptiness, a need at the core of her existence. For otherwise, without this lack, love would not be sought; for example, according to the author, no one falls in love when one is completely happy or on the

<sup>1</sup> Processo FAPESP 19/26591-1

<sup>2</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador em nível de Iniciação Científica. Bolsista FAPESP.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3740493609654132>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4697-6247>.



eve of a long trip or when one is completely happy, but rather in strange surroundings and especially in the disappointment of the end of the journey. In this way, it is not a matter of answering categorically why someone falls in love or not, but of bringing into the realm of possibility what the stimulus itself of love consists of – as a motive (not in the metaphysical sense of the term, but in the concrete sense of the complexity of loving someone).

**Keywords:** Love. Beauvoir. Journalism. Autre.

274

Em 2018, as plataformas filosóficas do Brasil receberam as traduções inéditas de três textos de Simone de Beauvoir. Através de um cuidado excepcional, Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori trouxeram até nossas mãos as traduções de *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita*, *O que o amor é – e o que não é*, e *Uma existencialista observa os americanos*, todas reunidas num único exemplar pela editora Quixote+Do Editoras Associadas, *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita & outros escritos*. O livro conta com uma apresentação geral feita por Sylvie Le Bon de Beauvoir, filha e herdeira de Simone de Beauvoir. E cada um dos textos é seguido por uma série de comentários da autoria de Magda Guadalupe dos Santos. Dentro do cenário filosófico, um trabalho dessa natureza demonstra inúmeros avanços quando o assunto é compreender a importância de Beauvoir na História da Filosofia Contemporânea. Um deles é a chegada de textos desconhecidos (ou pouco estudados) de Beauvoir, pelo menos no Brasil, possibilitando uma compreensão maior da perspectiva filosófica, jornalística e consequentemente feminista dela; pois isso demonstra que a famosa autora do *Segundo sexo* teve uma obra rica de noções filosóficas, ao ponto de haver um pensamento em ação e que se mostra importantíssimo nas discussões envolvendo textos de mulheres na filosofia. Outro avanço é sobre como a filosofia de Beauvoir, embora lida, muitas vezes é incompreendida. Ao trazer esses textos até o cenário intelectual do Brasil, os tradutores permitem uma investigação maior sobre temas mais compreendidos colocados pela autora, sobretudo envolvendo certas polêmicas de sua vida pessoal. Sem a compreensão disso, o que se tem é evidente: uma opinião equivocada e que se estende entre aqueles que não entraram em contato com esses textos, resultando em afirmações esdrúxulas sobre uma tal filosofia.

O artigo que nos interessa aqui é *O que o amor é - e o que não é*. É um escrito com poucas páginas, contendo apenas treze parágrafos. Nas observações de Magda Guadalupe dos Santos, o texto aqui resenhado compõem as páginas 53, 54 e 55 da revista inglesa *McCall's*, publicado em agosto de 1965, sob o título *The most famous French woman explains what love is and isn't*. Nesse sentido, *O que o amor é - e o que não é* pode ser tido como

*O QUE É O AMOR – E O QUE NÃO É, DE SIMONE DE BEAUVOIR*



um dos textos que demonstra uma face a mais da trajetória de Beauvoir, que é a de escritora jornalística, que escreve textos para um público que está além da França – em sentido topográfico do termo. Segundo Magda Guadalupe dos Santos, três interpretações podem ser identificadas sobre tal texto, cada uma correspondendo aos olhos específicos do público em geral. A primeira é o cuidado de Beauvoir em lidar com um “leitor comum”, aquele que representa uma época desgastada pela ideia de esquecimento das guerras emergidas na Europa da primeira metade do século XX. É uma interpretação que visa dissociar os traumas de uma humanidade em reconstrução e criar novas memórias a favor do prazer e do conforto – positivas, melhor dizendo. A segunda é um fortalecimento do eu de quem ama e de quem é amado, de acordo com o sentimento de revolta que sobrevoa *Tristão e Isolda*, uma história medieval de gênero dramático e que descreve a relação entre o cavaleiro Tristão e a princesa irlandesa Isolda. A terceira, enfim, é o amor como uma das próprias formas de se posicionar no mundo, de uma exposição “do conjunto de vivências e experiências de uma vida que se liga a significados do passado e remete a planos e projetos” (SANTOS, 2018, p. 130). Aqui, o amor é empregado no sentido ambíguo do termo, que está entre o esvaziamento de uma vida a ser preenchida e a projeção de si em outrem, a busca de algo que não é.

275

Dessa forma, levando em conta essas três considerações, o que se tem é uma nova compreensão do termo “amor” na perspectiva de Beauvoir; essa compreensão é resultada de uma preocupação da autora em dialogar com um público que não é francês, que não é o mesmo que ela está acostumada a escrever seus textos. Do ponto de vista filosófico, a importância do texto aqui resenhado consiste no modo como a filósofa estabelece uma relação entre as subjetividades de modo a colocar o porque alguém se apaixona ou não, seja sob o aspecto de considerar o outro como uma subjetividade que pode ser amada positivamente, seja sob o aspecto de colocar o outro como um objeto. Do ponto de vista psicológico, Beauvoir traz as afirmações de um amante que, ao estar com sua amada, diz “Você é diferente. Você é uma exceção. Você não é como mais ninguém” (BEAUVOIR, 2018, p. 123), no sentido que, para se afirmar isso, ele dá a entender que sua amada foi escolhida em comparação com todos os outros e contra todos os outros (como se a sua consciência tivesse vivido a própria completude da humanidade); do ponto de vista sociológico, ainda com base na explanação da autora, uma pessoa parece não conhecer o amor se ela estiver em perfeita harmonia com a sociedade, pois é através de uma carência, de uma necessidade subjetiva do ser humano que o amor terá um sentido concreto; do ponto de vista



jornalístico, Beauvoir considera o amor como um desafio, como uma vingança contra uma história vivida. Através de muitos pontos de vista que *O que o amor é – e o que não é* pode ser lido: um dos mais interessantes é o ponto de vista literário, que traça boa parte, para não dizer toda parte, da obra de Beauvoir. Vamos deixar esse ponto de vista para mais tarde.

O primeiro parágrafo do texto resenhado é bem sugestivo e pode trazer certa harmonia quando o assunto é um dos sentimentos mais cobiçados e mais vividos pelos seres humanos: o amor. Através dele, o ódio e a amargura puderam ser colocados em segunda perspectiva, não mais como um sentimento predominante ou ativo entre as relações subjetivas, de modo que todas as pessoas amam, todas as pessoas se autoproclamam sendo amáveis ou que amam seus próximos.

Por que você se apaixona? Nada é mais simples. Você se apaixona porque você é velho, porque você está envelhecendo, porque você é velho; porque a primavera está terminando, porque o outono está começando: pelo excesso de energia, pela fadiga; pela alegria, pelo tédio; porque alguém te ama, porque ele não te ama... Encontro respostas demais: talvez a pergunta não seja tão simples, afinal. (BEAUVOIR, 2018, p. 121).

276

Parece que a questão inicial é muito simplista, mas é do ponto de vista existencialista que uma afirmação indubitável é substituída por uma análise ambígua e que pode satisfazer esta questão: o que é, afinal, o amor? Em primeiro lugar, Simone de Beauvoir diz que a experiência do amor é tão universal, tão imanente aos seres humanos, que não existe nenhum “mistério” por detrás dela; parece que nenhum esforço para propor uma noção de amor é válida, porque todos a vivem todos a sentem, todos a externalizam sob forma de ações, palavras e pensamentos. Amar é amar outrem e, para que o amor próprio seja confirmado, ainda é preciso a existência do outro para que o desconhecido sobre si seja desvelado. E, para comprovar isso, basta abrir os olhos e deparar que a todo momento

[...] milhares de homens e mulheres estão dizendo uns aos outros com perplexidade e temor, ‘eu te amo. Estou apaixonada.’ [...] ‘Eu preciso de você. Sofrerei sem você. Não posso mais viver sem você.’. (BEAUVOIR, 2018, pp. 121-122).

Assim, a própria subjetividade, uma vez temporal e espacial, é justificada em nome de um outro, esse outro que chamamos de “meu amor”. Por meio do rosto da pessoa amada que a essência do amor é encontrada e tudo se torna resplandecente para quem ama:

*O QUE É O AMOR – E O QUE NÃO É, DE SIMONE DE BEAUVOIR*



“tempo e espaço são suspensos, imobilizados diante de um rosto que carrega a essência de tudo o que é preciso neste mundo” (BEAUVOIR, 2018, p. 122). Em outras palavras, toda a subjetividade é fixada num rosto *outro* que revela uma essência, uma sensação de completude e de realização concreta. Nada mais é necessário, pois a necessidade que existe no âmago de um ser humano foi preenchida em razão do amor intencional em direção a outrem.

Com efeito, Beauvoir analisa como Stendhal descreve a “cristalização” de uma pessoa *qualquer* a uma pessoa *única*, aquela pessoa sobre a qual uma existência não poderia viver com sua ausência. E reforça que, na terminologia psicanalítica, essa “cristalização” é um “investimento”. Mas a questão que não se cala é: “[...] por que Paul e Paulette começaram a se ‘investir’, a ‘cristalizar’ precisamente com Pierrette e Pierre? A escolha espanta seus amigos” (BEAUVOIR, 2018, p. 122). Nesse momento, faz justiça mencionar a nota de rodapé correspondente ao excerto em questão, da autoria de Magda Guadalupe dos Santos. Segundo ela, a escolha de nomes próprios em francês, como Paul e Paulette, mantidos no texto publicado em inglês, parece dar a entender que Beauvoir escreveu *O que o amor é – e o que não é* originalmente em francês. E que, em seguida, tenha sido traduzido para o inglês, com a intenção de ser publicado na revista *McCalls*. O fato é que tal texto foi publicado tanto em inglês, na revista *McCall’s*, em agosto de 1965, e no jornal *The Australian Women’s Weekly*, em 24 de novembro do mesmo ano, quanto em francês, na revista *Les écrits*, em 1979.

Em segundo, Beauvoir dirá que é inteiramente falsa a afirmação de que “os amantes estão sozinhos no mundo” (BEAUVOIR, 2018, p. 122), de modo que, paralelo a Freud, para quem uma relação de amor dual envolve quatro pessoas, tal relação “vai muito além disso e envolve o todo da sociedade. ‘Você é diferente. Você é uma exceção. Você não é como mais ninguém.’ Todos que já se apaixonaram já disseram essas palavras e, quando o fazem, estão dizendo que seus amados foram escolhidos em comparação com todos os outros e *contra* todos os outros” (BEAUVOIR, 2018, pp. 122-123, *grifo da autora*). Dando ênfase ao ponto de vista psicológico que mencionamos no início desta exposição, experienciar o amor é também não estar em conformidade com a humanidade total, isto é, aos olhos da facticidade, muitas culturas nada tiveram haver com o amor, o “amor romântico”, como diz Beauvoir.

O amor muitas vezes nos toma de surpresa. É somente quando conhecemos o homem, a mulher que satisfaz nossas expectativas, que essas expectativas nos são reveladas. Mas mesmo antes disso, tínhamos em nós, mascarado ou disfarçado, aquele vazio, aquela



necessidade. Você não se apaixona quando está completamente feliz ou na crista da onda; é somente quando a vida perdeu seu sabor. Nem se apaixona na véspera de uma longa viagem, mas antes em arredores estranhos e especialmente na desilusão do fim da jornada. (BEAUVOIR, 2018, p. 124).

278 A relação entre mistério e elucidação das expectativas, ambos extraídos do amor que satisfaz alguém, é fenomenológica. Isto é, os dogmas do mundo da objetividade são dispersados e a existência de outrem é o suficiente para satisfazer uma pessoa que ama outra. Mas, distintamente da elucidação fenomenológica, que reduz os juízos até o campo da *epoché*, o amor traz o outro para si sob a forma de interioridade completa. Entretanto, diz Beauvoir, a infelicidade extrema, uma catástrofe iminente que destrói todas as esperanças, todos os planos, pode também tornar o amor impossível (ver BEAUVOIR, 2018, p. 124). Então, se a paixão não faz morada nas vésperas da viagem, assim como também não se faz possível naquilo que destrói as esperanças de alguém, o amor se *presentifica* numa linha não muito tênue, ou, nas palavras da autora, “no fim de uma jornada” (BEAUVOIR, 2018, p. 124). Numa das frases mais curiosas do artigo, Simone de Beauvoir alega que o amor não aparece quando a vida te satisfaz, nem quando te esmaga, mas apenas para aqueles que abertamente ou secretamente desejam mudar. Pois é aí que você antecipa o amor e o que o amor traz: por meio de outra pessoa, um novo mundo é revelado e entregue a você (ver BEAUVOIR, 2018, p. 125): “é somente quando conhecemos o homem, a mulher que satisfaz nossas expectativas, que essas expectativas são reveladas” (BEAUVOIR, 2018, p. 124).

Essas expectativas reveladas correspondem àquele que ama e, a partir dali um mundo, uma situação se conecta com a sua subjetividade. O amor é o elo que une uma realidade particular com a realidade de outrem sob forma de paixão, palavras melancólicas, cuidados excessivos, etc.; porém, por outro lado, o amor pode se converter em tirania e, assim, ele não pode ser tido como um amor de fato: era tirania, opressão, egoísmo disfarçado de amor. Um ponto de vista literário (como mencionamos antes) é colocada por Beauvoir, baseada no romance *Tristão e Isolda*: “Você ama em desafio a um marido ou a uma esposa, em desafio aos seus pais, em oposição a amigos e às circunstâncias, em desafio a todos aqueles que de alguma maneira te contrariaram” (BEAUVOIR, 2018, p. 123). Segundo Beauvoir, o amor não teria sua melancólica violência se não fosse sempre, em princípio, um tipo de vingança: vingança contra uma sociedade fechada à qual de repente não se pertence mais; contra um país estrangeiro no qual de repente se perde as raízes; contra um ambiente provincial do qual subitamente se escapa (ver



BEAUVOIR, 2018, p. 123)<sup>3</sup>. A favor dessa revolta, dessa vingança melancólica contra alguma realidade imanente a si, que o amor se tornar violento, no sentido de que existe um atrito da consciência da pessoa revoltada (ou vingativa) com o caráter objetivo, portanto trágico, da sociedade fechada sobre si própria.

Sobre os estímulos amorosos, levando em conta a ambiguidade entre subjetivo e objetivo, por exemplo, quando alguém apaixonado assiste um filme qualquer com uma pessoa que estimula sua serotonina, e deita sua cabeça no peito desta pessoa, o que está sendo revelado é um encadeamento positivo entre suas subjetividades, entre suas peles, entre seus corações ansiosos. O coração dispara ao primeiro beijo, mas seu disparo não é causado por uma angústia remota. Pelo contrário, é um dos efeitos do mundo se abrindo, entrando em translação e expressando sua sintonia vibrante; do mesmo modo, a língua trava, o estômago repuxa, o corpo gagueja, os nervos se contraem, o mundo externo se faz pequeno. Então, “você deve, para se apaixonar, encontrar um objeto atrativo. O que é atrativo varia, compreensivelmente, para cada indivíduo” (BEAUVOIR, 2018, p. 125); isto é, a maneira pela qual um indivíduo justifica seu amor depende de toda sua história, de toda sua criação, de todos os seus objetivos de vida, de todas suas frustrações do passado e de todas as suas expectativas futuras. Como exprime Beauvoir, o que você espera de um amante depende de sua infância, seu passado, seus planos, de todo o contexto de sua vida; “você pode estar procurando por algo específico: um pai, uma criança, uma afinidade; segurança, verdade; uma elevada imagem de si mesma” (BEAUVOIR, 2018, p. 126).

Na perspectiva do amante, o que ele procura está totalmente vinculado com a sua história, com seus anos iniciais, com toda sua vivência passada; do mesmo modo, pelo amor se projeta uma carência, um pai ausente, uma criança mimada, uma afinidade com o mundo de afecções. Noutro sentido, essa necessidade pode estar voltada para si mesmo: é a carência de si, de identificar-se

---

<sup>3</sup> De acordo com a nota de rodapé nº 89 de Magda Guadalupe dos Santos: “Segundo Sylvie Le Bon de Beauvoir, em e-mail datado de 18 de fevereiro de 2018, na primeira edição do texto pela revista *McCall's*, em 1965, nesse específico parágrafo há uma incoerência e o texto teria sido alterado, tornando a assertiva afirmativa, diminuindo, dessa forma, o seu sentido: ‘(...) revanche contre une *société fermée à laquelle soudain on n'appartient plus, contre un pays étranger dans lequel soudain on ne prend plus racine; contre un cercle provincial auquel soudain on échappe*’. Na versão publicada em *Les écrits*, 1979, p. 415, tem-se, contudo: “contre une *société fermée à laquelle vous pouvez soudain prendre appartenir; contre un pays étranger dans lequel vous pouvez soudain prendre racine; contre un cercle provincial auquel vous pouvez soudain échapper*’. Mantivemos nesta tradução o entendimento de Sylvie Le Bon de Beauvoir acerca da versão original, que deveria ser expressa como uma negativa, tornando o texto mais coerente” (SANTOS, 2018, pp. 123-124, *grifos da autora*).



através do outro, que o amor preenche com tanta vontade. Independente disso, é através da abertura do mundo romântico que a alma e o corpo se conectam com essa necessidade.

A abertura do mundo romântico não é apenas vinculada aos traços anatômicos do corpo, a sua condição de imanência, mas também às suas vivências com o mundo subjetivo de outrem. A pessoa que estimula uma paixão a alguém compartilha, por um momento dito absoluto, um esforço que será concretizado no tempo e no espaço. Aquele momento é de ambos, estão presentes para si, eles se fazem como presença um para o outro, o que significa que um não pode abstrair a presença do outro. Entretanto, segundo Beauvoir, essa forma de experiência pode ser apreendida de outro modo. De um lado, "o homem ambicioso, o homem de ação, o artista pode mudar seu relacionamento com o mundo ou até o próprio mundo. Se ele se coloca de corpo e alma em seu projeto, o amor não tem nenhum controle sobre ele" (BEAUVOIR, 2018, p. 125). O leitor pode notar que o amor não é um peso absoluto que aparta do ser humano sua possibilidade de modificar o mundo vivido, porque, tal como o artista, seu projeto pode estar vinculado com outras ações e com outras preocupações; isto é, o relacionamento dele com o mundo não é determinado, sua alma e seu corpo, sua liberdade e sua facticidade estão projetadas rumo à fins singulares (que podem incluir a alteração da sua forma de se envolver com o mundo ou incluir a mudança do próprio mundo). Por outro, "[...] nem todo mundo está em posição de impor sua vontade dessa maneira, e é por isso que as mulheres hoje são particularmente predispostas ao amor. Elas raramente possuem os implementos – uma arte, uma profissão – que lhes permitiriam ampliar ou subverter o universo sem a ajuda de alguém" (BEAUVOIR, 2018, p. 125). Cabe destacar, como bem fez Magda Guadalupe dos Santos, que a revista *McCall's* era uma revista mensal dirigida a mulheres, criada com o intuito de prestar-lhes serviços e gozando de grande popularidade durante certa parte do século XX (ver SANTOS, 2018, p. 131).

Quase no final do texto, a autora faz um correlato entre a pessoa apaixonada e o objeto fonte de atrativos. Mas a atração não é um objeto universal, que foge da experiência imediata. Isso remonta a exposição de *Pirro e Cineias*, o primeiro filosófico de Beauvoir, publicado em 1944 a convite de Jean Grenier: a percepção do instante não é possível, assim como a eternidade se contradiz com uma noção secundária, a de destino imutável (ver BEAUVOIR, 2005, p. 143-149). Assim, não há como o amor ser gratuito, de modo que o encontro de si em outrem é uma exposição sintética de toda uma facticidade vivida, uma educação, as metas propostas e superadas sob formas de ponta de partida.





Quaisquer que sejam os valores, os símbolos ou papel social, contudo, ninguém vai despertar meu amor a não ser que eu o veja basicamente como O Outro. Se ele se junta a mim, ele perde o poder de me levar para outro mundo. É por isso que a inveja tão frequentemente dá à luz o amor. O fato mesmo de que um homem ou uma mulher lhe escapem pode ser suficiente: você se encontra projetando nele todas as qualidades que está procurando n'O Outro. No entanto, se ele se retém muito obstinadamente, então você deixa de esperar alguma coisa dele; o amor é abortado. (BEAUVOIR, 2018, p. 126).

281 É uma consideração psicológica. Através do Outro, a paixão pode se tornar equivocada e servir como “alimento” de uma qualidade que a pessoa apaixonada tanto deseja. O Outro, e não Um Outro, que seria uma existência qualquer do ponto de vista do amor, doa para ele um desejo, uma necessidade - isto é, justificar a si por meio de outrem, dando a entender que seus pretextos apenas são possíveis através do outro. Mas essa ordem instável possui outra face, segundo Beauvoir. No penúltimo parágrafo de *O que o amor é - e o que não é*, a autora explica que, noutro sentido, a pessoa que estimula sua paixão pode muito bem oferecer uma deslumbrante imagem que ele carrega de você mesma. Ora, “essa é a armadilha dos narcisistas. Os masoquistas e todos aqueles que escolheram a derrota caem em outra cilada: amar aqueles que lhes são indiferentes. Pois você pode amar não só pelo prazer de amar ou pela glória de ser amada, mas também algumas vezes pela amargura dolorosa de não ser amada” (BEAUVOIR, 2018, p. 126). O último parágrafo é o melhor possível, talvez não muito esperado pelo leitor. É a volta ao ponto de partida do texto:

E aqui eu volto ao meu ponto de partida. Por que você se apaixona? Nada poderia ser mais complexo: porque é inverno, porque é verão; pelo excesso de trabalho, por muito ócio; por fraqueza, por força; por uma necessidade de segurança, um gosto pelo perigo; por desespero, por esperança; porque alguém não te ama, porque ele realmente te ama... (BEAUVOIR, 2018, p. 127).

A pergunta sobre o que é o amor parece abstrata, mas, conforme demonstra Beauvoir, a justificativa do amor se dá de infinitas maneiras, podendo corresponder a um dia qualquer, a uma situação, a uma estação do ano, a uma exigência dos outros: a resposta não está dada de antemão e nem pode ser fixada como uma estaca de madeira que perfura o solo. As respostas são muitas, mas não as mesmas, pois cada situação significa uma delas, o que significa que é através do amor que a liberdade se transmuta sob forma de mundo. Essa metamorfose pode ser positiva ou egóica, ambígua ou absoluta, autêntica ou inautêntica. E o ciclo começa novamente e as respostas são mostradas a todo instante. De um lado, *O que o amor é - e o que não é*



indica uma perspectiva beauvoiriana que visibiliza uma descrição jornalística sobre como uma pensadora francesa do século XX, após viver as duas guerras, sobretudo a de 1939, entende a questão do amor e da entrega de si a outrem, tomando este outro como objeto de atração. Em termos mais objetivos, é uma exposição que serve para ser lida através de um olhar literário, histórico, filosófico ou jornalístico. Ou com todos esses olhares numa mesma intenção, de modo a compreender o que o amor é, e o que ele não é. Por conclusão, os estudos de ciências humanas ganham muito com uma tal tradução, no sentido que ele mostra uma sequência positiva sobre as obras gerais da famosa autora do *Segundo sexo*, sobretudo levando em conta sua produção jornalística; isto é, essa tradução se soma com a totalidade do pensamento de Beauvoir, que rompe com a separação entre teoria e prática.



## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. O que o amor é - e o que não é. In: BEAUVOIR, S. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita & outros escritos*. Org., trad. e notas Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori. Belo Horizonte: Quixote+Editoras Associadas, 2018, pp. 121-127.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEAUVOIR, S. Pirro e Cinéias. In: *Por uma moral da ambiguidade seguido de Pirro e Cinéias*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SANTOS, M. G. O amor o que é: observações sobre o texto. In: BEAUVOIR, S. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita & outros escritos*. Belo Horizonte: Quixote+ Editoras Associadas, 2018, pp. 129-133.

